

Geografia indígena e lugares sagrados no rio Negro¹

Aline Scolfaro

Instituto Socioambiental/ISA

Resumo

Os povos indígenas do rio Negro possuem uma relação muito especial com as paisagens. Suas narrativas míticas e rezas xamânicas estão repletas de referências geográficas que delineiam rotas e lugares especiais relacionados à origem do mundo e de seus primeiros ancestrais. Tais lugares guardam ainda os poderes criativos desses primeiros tempos e fundamentam um complexo sistema xamânico de manejo do território e da vida. Mas, segundo os próprios índios, com as transformações das últimas décadas e a adoção da educação escolar como principal via na formação dos jovens, esses conhecimentos vêm sendo transmitidos de forma cada vez mais enfraquecida entre as gerações, acarretando uma série de adversidades climáticas e doenças desconhecidas. Preocupados com isso, lideranças e conhecedores indígenas vêm se empenhando em iniciativas de valorização dos sítios sagrados e conhecimentos associados, com apoio de pesquisadores e organizações socioambientalistas que atuam na região. O ensaio relata algumas dessas experiências realizadas junto a grupos da família tukano, as quais constituem objeto do ensaio fotográfico que se segue.

Palavras-chave: Sítios sagrados; noroeste amazônico; Rio Negro; povos tukano

Abstract

The indigenous peoples of the Rio Negro possess a very special relationship with the landscape. Their mythic narratives and shamanic spell are bountiful of geographical references that outline special routes and places related to the origin of the world and their

1 Agradeço especialmente a Higino Tenório Tuyuka, Geraldo Andrello, Aloísio Cabalzar e Ana Gita de Oliveira pelas contribuições diretas e indiretas a este ensaio. Também a Nildo Fontes, diretor da Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro, pelo apoio e incentivo na divulgação das iniciativas aqui relatadas. Agradeço ainda a Vincent Carelli, Stephen Hugh-Jones, João Arimar e novamente Aloísio Cabalzar pela cessão das imagens reunidas no ensaio fotográfico que se segue. Também a Wilde Itaborahy pela elaboração do mapa que aqui apresento. E, por fim, a todos os *kumua* e pajés aqui mencionados, cujos saberes constituem a matéria deste breve ensaio.

early ancestors. Such places still maintain the creative powers of these early times and underlie a complex shamanic system of territorial and life management. But according to the indigenous, as a result of the changes caused by the contact process and the schooling of young people, the transmission of these knowledges has been increasingly weakened between generations, leading to a series of climatic adversities and unknown diseases. Concerned about this state of affairs, certain indigenous leaders and traditional connoisseurs have been engaged in initiatives to value the sacred sites and the knowledge associated to them with the support of researchers and socioenvironmental organizations. This paper describes some of these experiences with Tukanoan groups and which guide the following photo essay.

Keywords: Sacred sites; Northwest amazon; Negro river; tukanoan peoples

Além de todas as características normalmente imputadas aos povos indígenas do rio Negro e do noroeste amazônico de modo geral – exogamia linguística, sistema social aberto, patrilinearidade, hierarquia, complexo cerimonial com uso das flautas de jurupari –, há outro elemento que parece central para os próprios índios e que vem aos poucos ganhando a atenção que lhe é devida, tanto na etnologia regional quanto em iniciativas extra-acadêmicas – sendo estas últimas o foco deste breve ensaio. Refiro-me aqui à relação especial que esses povos possuem com o território e suas paisagens e ao modo como a geografia, nas sociocosmologias rio-negrinas, se constitui como um princípio orientador da história e do xamanismo e, no limite, da própria vida.²

Para os povos da família linguística tukano, por exemplo, e em particular, contar a história da origem e transformação do mundo e da humanidade é também viajar no espaço. Só se pode acessar o passado a partir de um movimento de retorno que é também espacial. O espaço e as paisagens guardam em si o movimento do tempo e suas potências transformadoras, e são estas potências as responsáveis pela reprodução da vida no presente. Assim, as práticas xamânicas do *kumu* tukano, especialista ritual cujo trabalho é justamente o de mobilizar essas potências criativas do passado em prol da perpetuação da vida das pessoas e dos coletivos, são também viagens no espaço.

Para benzer a alma de um recém-nascido na cerimônia de nomeação, por exemplo, o *kumu* deve empreender em pensamento, isto é, em espírito, uma viagem por caminhos e lugares longínquos de onde trará os elementos, objetos e potências diferenciais que constituirão a alma-coração da criança. Tais elementos e potências, veiculadas pelo nome, são aquilo que possibilitará que a criança cresça e se desenvolva enquanto pessoa pertencente a um grupo diferenciado, seja Tukano, Desana, Piratapuaia, Tuyuka, Makuna, Bará, ou

2 Encontramos referência à temática em trabalhos de diversos autores da etnologia regional e em grande parte das etnografias sobre os povos do noroeste amazônico. Mas dois autores em especial vêm dando um tratamento mais aprofundado à questão, Robin Wright (2013), para o caso arawak, e Luis Cayón (2010, 2012), para o caso tukano. Luis Cayón cunhou a interessante expressão “geografia xamânica” para qualificar o lugar especial do espaço e das paisagens na teoria makuna do mundo. Wright por sua vez vem utilizando a expressão “geografia sagrada” como uma aproximação à perspectiva baniwa acerca do espaço e seus significados xamânicos e ancestrais.

outros tantos grupos étnicos e linguísticos que formam as redes de sociabilidade regional e que compartilham desse fundo cosmológico.

Já é bem conhecido e documentado o que poderíamos chamar de versão síntese da história de origem dos povos tukano. A famosa viagem da cobra-canoa ou anaconda ancestral que parte do “lago de leite”, no extremo oriente da terra, e vai subindo os rios da bacia amazônica e do rio Negro até as suas cabeceiras, carregando em seu ventre os ancestrais dos diversos grupos étnicos.³ Essa viagem, que dará origem à humanidade, é também uma passagem entre distintas dimensões espaçotemporais, ou distintos níveis cósmicos: do tempo-espaço ancestral, no qual o mundo estava ainda em expansão e formação, ao tempo-espaço atual, em que os corpos, as coisas e os seres tomaram a forma que hoje possuem. De *wai-mahsã* (gente-peixe) os ancestrais se tornaram “gente da transformação”, uma categoria mais inclusiva a qual reúne todas as “gentes” que viajavam na cobra-canoa ou “canao de transformação” e que depois deram origem aos diversos grupos linguísticos e exogâmicos da família tukano.

Além da importância da rota em si, diversos pontos ao longo desse trajeto são reconhecidos por serem locais onde os ancestrais vivenciaram determinados eventos cruciais para a sua transformação em seres humanos verdadeiros. Nesses locais, chamados também de “casas de transformação”, eles obtiveram uma série de artefatos, capacidades e conhecimentos que passaram a compor o “patrimônio cultural” de cada grupo de descendência: bens materiais e imateriais, tais como ornamentos de dança, objetos cerimoniais, substâncias rituais, rezas xamânicas, técnicas de subsistência, cantos, danças, nomes, a língua e as próprias falas que contam a história dessa saga ancestral.

Na verdade, as narrativas tukano parecem apontar para duas grandes categorias de lugares sagrados. Em primeiro lugar, esses lugares propriamente relacionados com a viagem da cobra-canoa, as “casas de transformação” ancestral, locais de muita importância e poder. Mas há também os lugares relacionados com a origem do mundo propriamente dito e de uma infinidade de seres que nele vieram habitar nos primeiros tempos: gente-peixe, gente-onça, cobras grandes e certos demiurgos responsáveis pela criação e organização das coisas na terra. Alguns desses lugares coincidem, carregando ao mesmo tempo as marcas dos tempos da origem do mundo e, posteriormente, da passagem da “canao de transformação”. E, apesar da atenção especial dada pelos conhecedores à primeira categoria de lugares, todos eles têm uma grande importância, já que constituem as bases para a configuração atual do mundo. Assim, o rico conhecimento que os *kumua* e pajés (*yai*) possuem acerca deles é o que fundamenta desde as práticas xamânicas até as regras sociais, procedimentos técnicos e práticas tradicionais de manejo. Hoje é possível ver em muitos desses locais as marcas dos eventos ocorridos nos tempos da formação do mundo e de seus habitantes: são sinais que estão por toda parte, nas pedras, serras, montanhas, cachoeiras, paranás, na vegetação.

Aqui dois aspectos valem ser ressaltados antes de adentrarmos propriamente o assunto deste ensaio. Primeiro que as potências as quais possibilitaram o surgimento e a transformação do mundo e da humanidade e que são responsáveis ainda hoje pela vi-

3 Além das etnografias clássicas e contemporâneas sobre os povos tukano, que invariavelmente apresentam uma versão dessa narrativa, há também as histórias escritas pelos próprios indígenas de diversos grupos e clãs publicadas na coleção “Narradores Indígenas do Rio Negro”, que já conta com oito volumes.

talidade das pessoas e dos grupos enquanto coletivos diferenciados – mas também pela vitalidade dos peixes, dos animais de caça e outros seres que povoam o cosmos – estão guardadas nesses locais e “casas de transformação”, chamados *wametisé* na língua tukano. A tradução literal para *wametisé* seria “lugares nomeados”.⁴ Traduzidos hoje por *lugares sagrados*, como uma estratégia semântica e política na relação dos índios com as políticas públicas e com outros interlocutores não indígenas, os *wametisé* são lugares de profundos significados e poderes capazes de afetar a vida das pessoas, dos grupos e as dinâmicas ecológicas, tanto positiva quanto negativamente, dependendo da forma e intenção a partir das quais são manejados. Assim, a questão da transmissão desses conhecimentos de maior valor entre as gerações e a suposta falta de interesse e preparo dos jovens de hoje para o aprendizado desses saberes são algo que tem preocupado e mobilizado conhecedores mais velhos e outras lideranças indígenas mais sensibilizadas com o destino coletivo dos povos do rio Negro. Voltaremos a isso.

Outro ponto importante para entendermos a relação atual dos índios com os *wametisé* é também a maneira como esses lugares e saberes associados, imbuídos de poderes que remetem ao passado ancestral e, no limite, a outra dimensão espaçotemporal, são identificados hoje na geografia do presente e nas paisagens de um território que se estende muito além da região de ocupação histórica dos povos tukano. A região de ocupação tradicional dos povos tukano é a bacia do rio Uaupés, afluente da margem direita do alto rio Negro, e a bacia do Apapóris, afluente do rio Caquetá, na Colômbia. Esta é sem dúvida uma área repleta de lugares que possuem uma importância central no universo tukano, lugares geralmente identificados por morros, serras, cachoeiras e determinadas formações rochosas, muitas das quais com a presença de petróglifos.⁵ Mas os lugares e as paisagens aos quais as narrativas hoje se referem se estendem muito a leste da região de ocupação tradicional, abarcando um vastíssimo território.

Chama a atenção, por exemplo, que, em algumas versões da história da cobra-canoa, o ponto zero da rota de transformação é apenas uma referência abstrata, o “extremo leste da terra” a partir de onde o mundo foi se expandindo e dando origem aos cursos dos rios e seus caminhos arborescentes. Mas hoje grande parte das versões identifica esse ponto zero na foz do rio Amazonas, já no oceano Atlântico, e muitas apontam mesmo a Baía da Guanabara, na costa do Rio de Janeiro, como sendo esse local original, o “lago de leite”. A partir daí toda a extensão do rio Amazonas e do rio Negro e, significativamente, as principais cidades e comunidades ao longo de suas margens figuram nessas narrativas como referências espaciais da rota e das “casas de transformação” ancestrais.⁶

4 O sentido profundo do conceito só poderia ser mais bem entendido se pudéssemos tratar aqui da importância da língua, das palavras e dos nomes nas práticas xamânicas dos povos tukano, o que não cabe nos limites e objetivos deste ensaio. Deixo aqui como referência os trabalhos de Hugh-Jones (2002), Flora Dias Cabalzar (2010, em especial pp. 118-120), Luiz Cayón (2010, em especial pp. 160-166) e minha própria dissertação de mestrado (Caetano da Silva 2012: 103-110).

5 Sobre os petróglifos no alto rio Negro, cf. Koch-Grünberg (2010) e, em especial, a introdução à obra escrita por Aloísio Cabalzar, que analisa as visões atuais dos povos indígenas da região acerca desses desenhos nas pedras. As análises de Cabalzar, inclusive, têm bastante consonância com a perspectiva deste ensaio.

6 Alguns povos tukano que hoje vivem na bacia do rio Apapóris, na Colômbia, têm sua rota de origem pelo Amazonas, Japurá/Caquetá e Apapóris, e não pelo rio Negro, como a maioria dos povos da bacia do Uaupés.

Como não há espaço aqui para um maior desenvolvimento desse ponto, ressalto apenas que, ao que tudo indica, as referências espaciais dessas narrativas, e também as próprias narrativas em si, encontrar-se-iam abertas às contingências da história e ao encontro com novos mundos, possibilitado tanto pelas trocas interétnicas com povos vivendo mais a jusante, como os Baré e outros grupos arawak que ocupavam toda a calha do rio Negro até meados do século XIX,⁷ quanto com as próprias frentes de expansão colonial. Nesse movimento, o espaço-tempo ancestral dos povos tukano referido em suas narrativas de origem parece ter se expandido no espaço, rio abaixo, à medida que esses encontros entre mundos e narrativas foram se intensificando ao longo da história pré e pós-contato.

Isso nos remeteria à clássica questão antropológica da relação entre mito e história, já bastante desenvolvida pela literatura regional. Esta é sem dúvida uma questão instigante para antropólogos e arqueólogos que trabalham no rio Negro, mas para os nossos propósitos vale apenas constatar que essas narrativas e os lugares aos quais se referem são hoje fontes de memórias, poderes e vitalidades cujos efeitos na vida dos índios são tão reais quanto as consequências da história colonial. Por isso constituem objeto de especial atenção, e atualmente também de preocupação, por parte de lideranças e conhecedores de diversos grupos do noroeste amazônico, não apenas os tukano, mas também os arawak e mesmo alguns dos chamados grupos “maku”, como os hupda e yuhupdë, que também vêm se interessando por essas iniciativas locais de fortalecimento cultural.

Lugares sagrados, mapas e reivindicações políticas

No contexto atual do rio Negro, marcado por significativas transformações no modo de vida das comunidades e pela adoção da educação escolar como principal via na educação dos jovens, a preocupação que algumas lideranças e conhecedores hoje demonstram com o futuro desses saberes abrange também uma preocupação com o próprio destino dos povos indígenas enquanto coletivos diferenciados e com as condições de reprodução da vida num mundo em crescente desequilíbrio. Pois, por um lado, são esses saberes que permitem a preservação da memória coletiva dos diferentes grupos étnicos e o acesso às potências criativas necessárias à reprodução e manutenção da vida de homens, mulheres e crianças tukano, desana, pira-tapuia, tuyuka, bará, etc. Por outro lado, muitos eventos ecológicos e climáticos adversos que vêm afetando hoje as condições de existência da população indígena – escassez de peixes, diminuição dos animais de caça, mudanças nos regimes de seca e cheia dos rios, mudanças nos períodos e locais de piracema dos peixes, aparecimento de enfermidades desconhecidas, etc. – são muitas vezes vistos como consequências da perda desses saberes pelas novas gerações e do não cumprimento de certas regras e práticas tradicionais relacionadas ao manejo xamânico do território.⁸

Num esforço por tentar reverter ou amenizar esse quadro, diversas associações, lideranças e conhecedores de várias regiões do noroeste amazônico vêm já há vários anos

7 Para uma explanação ao mesmo tempo densa e sintética da história do rio Negro, ver Andreello (2006: 69-124). Ver também Wright (2005).

8 Além das pressões externas decorrentes de projetos econômicos e de desenvolvimento que têm afetado negativamente alguns territórios indígenas do noroeste amazônico, sendo a mineração, sobretudo do lado colombiano, a mais grave dessas pressões.

se empenhando em iniciativas e projetos de valorização cultural, pesquisas e registro de conhecimentos tradicionais relacionados às histórias de origem e ao manejo do território. Apoiadas muitas vezes por pesquisadores e organizações não governamentais (ONGs) que apostam na equação entre a valorização dos conhecimentos tradicionais e a preservação ambiental e bem viver dos povos indígenas – como o próprio Instituto Socioambiental (ISA) – muitas dessas iniciativas têm dado uma importância central aos chamados “lugares sagrados” e conhecimentos associados.

A relevância do tema tem levado mesmo à mobilização de uma rede de cooperação binacional envolvendo associações e conhecedores indígenas, pesquisadores, órgãos públicos e ONGs do Brasil e da Colômbia, todos empenhados em apoiar comunidades e povos indígenas do noroeste amazônico em ações de documentação e proteção dos lugares sagrados e conhecimentos associados. Tais iniciativas, geradas em contextos diversos, têm se centrado em experiências de mapeamento participativo ou cartografia cultural, envolvendo os jovens e velhos conhecedores das comunidades na elaboração de mapas do território baseados nos conhecimentos tradicionais. Esses mapas apontam para o minucioso conhecimento que os diversos grupos, por meio de seus conhecedores, possuem da geografia regional, bem como os profundos e complexos significados que essa geografia guarda.⁹

Contudo, apesar de sua inestimável riqueza e valor político e pedagógico, as iniciativas de mapeamento e os resultados que geram são muitas vezes limitados para promover e abarcar processos mais profundos e complexos de exegese dessa geografia xamânica. Quanto mais para aquelas referências espaciais mais distantes do território que hoje os grupos manejam. Por isso mesmo, os índios demonstram um grande interesse em visitar fisicamente esses lugares e trechos da “rota de transformação” que muitos só conhecem em pensamento – ou no plano espiritual do cosmos. E para os mais jovens, além da documentação possibilitada pelos mapas, há um grande interesse também nos registros audiovisuais.

É nesse contexto que se inserem as experiências que passo agora a descrever brevemente e que constituem o objeto do ensaio fotográfico que se segue.

Expedições da cobra-canoa

Meus parentes, aqui nós vamos começar a nossa conversa. Aqui é a foz do rio de leite que os nossos pais falavam [...]. Por isso, hoje, envolvidos com os brancos, estamos aqui [...]. Nós, embora não estudados, temos esses conhecimentos que estão na nossa memória, no nosso pensamento, porque os nossos avós já vieram falando essas histórias. Agora vamos

9 No âmbito dessa rede de cooperação, foi publicada recentemente uma compilação das experiências de cartografia cultural que vêm sendo desenvolvidas. Estas são focadas em várias regiões do noroeste amazônico e protagonizadas por diversos povos de línguas tukano e também arawak (ver *Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial do Noroeste Amazônico: Cartografia dos Sítios Sagrados: iniciativa binacional Brasil-Colômbia*, 2014). Também a coletânea de textos *Rotas de Criação de Transformação*, organizada por Geraldo Andreello (2012), reúne trabalhos bastante representativos sobre a temática, tanto no âmbito acadêmico quanto extra-acadêmico.

falar o que pensavam os nossos pais e o que pensamos hoje [...]. Esses conhecimentos não podem acabar, pois os dos brancos não se acabam [...]. Assim como os nossos avós falavam na forma de espíritos, nós também falaremos com esse pensamento, a respeito desse caminho, o percurso do rio de leite. É a partir daqui que vamos seguir o percurso que fizeram os nossos ancestrais. Percorreremos conversando sobre esse assunto até chegarmos à cachoeira de onde viemos. E, após acabarmos essa conversa, continuaremos falando sobre as trajetórias percorridas por cada povo. (Higino Tenório Tuyuka, liderança e educador, idealizador da Escola Indígena Utapinopona e um dos principais nomes na luta pelos direitos culturais dos povos indígenas do rio Negro).

No início de 2013 um grupo de *kumua* (benzedores) e pajés (*yai*) pertencentes a diferentes grupos da família tukano embarcou numa expedição pelo rio Negro com o intuito de refazer e documentar parte da rota de origem de seus ancestrais. Apoiada por alguns pesquisadores, ONGs e órgãos públicos, e ainda por uma equipe de documentaristas (indígenas e não indígenas) coordenada pelo Vídeio nas Aldeias, a expedição percorreu mais de 800 quilômetros pelo curso do rio Negro, desde a sua foz, nas imediações da cidade de Manaus, até a cidade de São Gabriel da Cachoeira, extremo noroeste do estado do Amazonas.

Os conhecedores, provenientes de diversas comunidades dos rios Uaupés, Pirá-Paraná e afluentes, eram pertencentes aos grupos Desana, Pira-tapuia, Tukano, Tuyuka, Bará e Makuna. Dentre os pesquisadores havia antropólogos – o casal Stephen e Christine Hugh-Jones, além de Geraldo Andrello, Ana Gita de Oliveira e eu –, um arqueólogo especialista nas gravuras rupestres do baixo rio Negro (Raoni Vale) e uma pedagoga que trabalha para o Ministério da Cultura da Colômbia (Norma Zamora), órgão que participa da rede de cooperação binacional acima mencionada. Acompanharam ainda a expedição lideranças indígenas da Foirn e Acaipi, importantes organizações indígenas do noroeste amazônico.¹⁰ A iniciativa ganhou o nome de “expedição anaconda”, em referência aos indígenas que vivem do lado colombiano, os quais utilizam em espanhol a expressão “anaconda ancestral” para se referir à cobra-canoa.

Foram ao todo 14 dias de viagem e 23 pontos de parada. Os lugares visitados iam sendo previamente indicados pelos conhecedores com base nas referências contidas nas narrativas de origem e também em mapas do trajeto. E vez ou outra eram os sonhos que orientavam as paragens. No curso baixo do rio Negro o apoio dado pelo arqueólogo Raoni Vale foi também fundamental, já que possibilitou aos conhecedores localizar certos pontos de grande valor nas narrativas e que no curso da experiência tiveram um papel importante para estimular a reflexão sobre essa geografia xamânica. Pois até então a grande maioria dos *kumua* e pajés participantes só conhecia esses lugares no plano do pensamento, das viagens espirituais que fazem em suas práticas de benzimento. Conforme disseram alguns dos conhecedores:

Nós, os velhos, sabemos o que aconteceu nesses lugares porque a gente ouvia as narrações dos nossos avós. Então, ao ver esses lugares ao vivo,

10 Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro (Brasil) e Asociación de Autoridades Tradicionales Indígenas del Pirá-Paraná (Colômbia).

fomos reconhecendo, e eles serviram de inspiração para as nossas falas [...]. E os lugares aparecem assim. A gente vê agora. Nossos avós nunca viram com seus olhos esses sítios sagrados, mas eles sabiam falar bem sobre esses lugares (Antonio Lima, *kumu* tuyuka do alto rio Tiquié).

Vimos estudando várias casas de transformação. Em vez de começar lá no “lago de leite”, começamos já na metade, na Casa de Encontros das Águas. Hoje estamos aqui. Sobre isso, nossos antepassados, como sábios, falavam sem ter observado esses lugares e hoje nós estamos vendo com nossos próprios olhos. São casas muito importantes para nós, que rememoramos no ato de benzimento para os recém-nascidos. Os recém-nascidos recebem essas essências, essas palavras sagradas para continuar viver em plenitude (Laureano Cordeiro, *kumu* pira-tapuia do médio rio Papuri).

Em cada ponto de parada os conhecedores narravam os eventos relacionados ao lugar e conversavam sobre os seus significados, enquanto a equipe de documentaristas filmava e gravava as sempre longas sessões de conversas. Cada conhecedor narrava em sua própria língua, pois apesar de todos falarem e entenderem bem o tukano, língua franca em toda a região do Uaupés, costuma-se dizer que esse tipo de saber maior só pode ser verdadeiramente expresso na própria língua do grupo. Depois tudo foi traduzido para o português pelos próprios documentaristas indígenas. Com esse material se produziram uma série de DVDs para circulação interna – com as 23 sessões de conversa, mais de 30 horas de gravações – e um vídeo de 12 minutos para divulgação que foi disponibilizado na internet.¹¹

Recentemente, em fins de janeiro e início de fevereiro deste ano, uma segunda expedição foi realizada com o objetivo de completar a identificação dos lugares sagrados do trecho comum da rota de origem tukano, até o buraco de surgimento da humanidade, na cachoeira de Ipanoré, baixo rio Uaupés. Para os povos tukano, a cachoeira de Ipanoré é o local onde os primeiros ancestrais dos diversos povos do Uaupés apareceram neste mundo transformados em seres humanos verdadeiros, depois da longa viagem subaquática pelos cursos dos rios Amazonas, rio Negro e Uaupés no bojo da cobra-canoa. Deste ponto pra cima, até as cabeceiras dos rios Uaupés, Papuri, Tiquié e afluentes, as rotas dos diferentes grupos tukano se especificam, e cada qual segue seu caminho até os locais hoje reconhecidos como seus territórios ancestrais.

A segunda expedição percorreu cerca de 200 km, começando pelo trecho do rio Negro acima da cidade de São Gabriel da Cachoeira e entrando pelo rio Uaupés até Ipanoré, já dentro dos limites da Terra Indígena Alto Rio Negro. O grupo de conhecedores participantes foi praticamente o mesmo da primeira, com algumas exceções. Estava composto de benzedores (*kumua*) e pajés (*yai*) dos povos Desana, Pira-tapuia, Tukano, Tuyuka, Bará e Barasana, que vivem nos lados brasileiro e colombiano das bacias do Uaupés e Apapóris, mais especificamente ao longo dos rios Uaupés, Papuri, Tiquié e Pirá-Paraná e afluentes. Também acompanharam a viagem lideranças da Foirn, um grupo de jovens das comunidades do baixo rio Uaupés envolvidos com iniciativas de mapeamentos participativos, an-

11 Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=nM4Q_2o7TU>. Acesso em 14 mar. 2015.

tropólogos do ISA e Iphan (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), e uma equipe de documentaristas do Vídeo nas Aldeias.

Dessa vez foram registrados quase 40 lugares sagrados, em 12 dias de viagem. Alguns locais constituem na verdade complexos de marcas e sinais que se espalham por pedras, ilhas, praias e serras ao longo de determinados trechos do rio e seus igarapés. Como na outra viagem, a maioria dos conhecedores, provenientes de outras calhas de rios, só conhecia tais lugares em pensamento, das viagens que fazem em suas práticas xamânicas. Assim, quem conhecia empiricamente esses locais e sabia indicar tais sinais eram geralmente conhecedores mais velhos das comunidades próximas, que aprenderam de seus pais e avôs as histórias, restrições de comportamento e os perigos relacionados a esses lugares. Por isso foram esses moradores que guiaram as visitas à maioria dos locais que a expedição visitou.



O material gerado nessa segunda expedição, mais de 70 horas de gravações, ainda será processado e traduzido. A intenção é produzir um documentário reunindo material das duas viagens e, talvez, também um livro com as transcrições e traduções das narrativas.

Vale lembrar que, em 2008, um grupo de conhecedores e jovens tuyuka do alto rio Tiquié já havia feito essa experiência de percorrer trecho da rota de origem de seus ancestrais, das imediações da cidade de São Gabriel da Cachoeira até a cachoeira de Ipanoré. A experiência está relatada num capítulo do livro *Rotas de Criação e Transformação* (organizado por Geraldo Andrello), de autoria de Aloísio Cabalzar e Higino Tenório (Cabalzar & Tenório, 2012). À época em que eles fizeram essa viagem o rio estava mais seco do que agora em 2015, e foi possível ver os petróglifos existentes em alguns locais e também o buraco de surgimento da humanidade na cachoeira de Ipanoré. Por isso, incluímos também algumas imagens dessa viagem dos Tuyuka no ensaio fotográfico que se segue, o qual reúne fotos de diversas autorias. Pois o fato é que bem no período programado para essa segunda expedição ocorreu uma cheia repentina e fora de hora do rio Uaupés que,

infelizmente, deixou muitos lugares submersos. Alguns conhecedores atribuíram tal cheia repentina à uma interdição deliberada dos *wai mahsã* (gente-peixe) e outros seres que povoam o cosmos, que não querem que esses lugares sejam tão expostos. De todo modo, os próprios conhecedores e lideranças indígenas se esforçam hoje por mostrar e divulgar esses lugares para o mundo, buscando formas mais cuidadosas e respeitosas de fazê-lo.

Ainda é difícil ter uma dimensão dos efeitos locais dessas experiências. Mas analisando o material gerado no curso dessas viagens é notável a sua riqueza etnográfica, não apenas das narrativas em si, mas também das reflexões dos conhecedores acerca da própria experiência e também das transformações do mundo. Não há espaço aqui para um tratamento mais aprofundado desse material, que merece sem dúvida uma análise e um trabalho à parte. Mas penso que um ponto central dessas reflexões que vale ser destacado se refere ao modo como os velhos entendem aquilo que dissemos acima sobre a suposta falta de interesse das novas gerações por esses assuntos e ao modo como isso afeta a vida dos grupos e o próprio equilíbrio do mundo. Reproduzo abaixo a fala de três dos conhecedores a respeito dessas mudanças, que seriam ao mesmo tempo causa e consequência do enfraquecimento dos saberes e das práticas xamânicas de manejo do território.

Essas são verdades deixadas pelos nossos avôs. Por isso estamos lembrando, vendo, hoje. Enquanto a nossa história existir, continuaremos existindo e contando. Mas os nossos herdeiros, hoje, não procuram mais saber essa história. Tenho dois filhos. Eles pensam em ser como os não indígenas. Fico preocupado. Para quem é entendido, isso tem significado muito importante. Estamos aqui, hoje, exatamente, fazendo como a canoa de transformação fez, meus irmãos, meus parentes, para fortalecer nossa conversa, nossa história (Laureano, *kumu* pira-tapuia do médio rio Papuri).

Os gente-da-transformação eram poderosos, tinham poder de organizar o universo. Foram eles que organizaram essa dinâmica do mundo. Mas agora os dias mudam a cada tempo porque nós não temos mais sábios benzedores como antes. Dá pra perceber que o mundo mudou muito porque hoje não temos alguns dos benzimentos que eles ensinaram para a humanidade (Antonio, *kumu* tuyuka do alto rio Tiquié).

Antigamente a gente tinha todos esses elementos de proteção, eramos fortes. Ultimamente, as práticas vêm diminuindo. Não sei por que têm diminuído essas práticas, pois são de grande importância pra nós. Nós antes tínhamos todos esses adornos, nós tínhamos quase tudo. Mas agora não [...]. Por isso nós todos que estamos nesse barco estamos fazendo um tipo de retrospectiva da nossa história. Nós somos já da geração mais recente, já perdemos nossos melhores conhecedores. Hoje estamos tentando revitalizar a nossa história (Francisco, pajé bará do alto rio Tiquié).

O que essas falas parecem nos dizer, no limite, é que memória, história e as práticas xamânicas (benzimentos) são aquilo que garante não apenas a existência dos grupos enquanto coletivos diferenciados, mas também é o que garante o equilíbrio do mundo e da vida em geral: os ciclos ecológicos, a vitalidade dos peixes e animais de caça, o controle das enfermidades. Nesse sentido, os lugares sagrados, como fontes de memória e de poderes espirituais responsáveis pela reprodução da vida, assumem uma importância central na luta dos povos

do noroeste amazônico por seus direitos culturais e territoriais e mesmo por um mundo mais equilibrado. Em tempos de crise ambiental e megaempreendimentos na Amazônia, seria bom começar a levar a sério o que dizem os índios. Esse parece ser, por fim, um dos recados que essas iniciativas aqui mencionadas vêm se esforçando por transmitir.

Referências

- ANDRELLO, Geraldo. 2006. *Cidade do índio: transformações e cotidiano em Iauaretê*. São Paulo: Editora Unesp/ISA; Rio de Janeiro: NuTI.
- _____. (org.). 2012. *Rotas de Criação e Transformação: Narrativas de origem dos Povos Indígenas do Rio Negro*. São Paulo: ISA; São Gabriel da Cachoeira: Foirn.
- CABALZAR, Aloísio; TENÓRIO, Higino. 2012. “No caminho da cobra de pedra: narrativa de transformação e lugares importantes para os Tuyuka do alto Tiquié”. In: Geraldo Andreello (org.), *Rotas de Criação e Transformação: Narrativas de origem dos Povos Indígenas do Rio Negro*. São Paulo: ISA; São Gabriel da Cachoeira: Foirn.
- CAETANO DA SILVA, Aline Scolfaro. 2012. *Falas Waikhana: Conhecimento e transformações no alto rio Negro (rio Papuri)*. Dissertação de mestrado Universidade Federal de São Carlos.
- CAYÓN, Luis. 2010. *Penso, logo crio: a teoria makuna do mundo*. Tese de doutorado, Universidade de Brasília.
- _____. 2012. “Lugares sagrados y caminos de curación: apuntes para el estudio comparativo del conocimiento geográfico de los Tukano Oriental”. In: Geraldo Andreello (org.), *Rotas de Criação e Transformação: Narrativas de origem dos Povos Indígenas do Rio Negro*. São Paulo: ISA; São Gabriel da Cachoeira: Foirn.
- DIAS CABALZAR, Flora Freire Silva. 2010. *Até Manaus, até Bogotá. Os Tuyuka vestem seus nomes como ornamentos: Geração e Transformação de conhecimentos a partir do alto rio Tiquié (noroeste Amazônico)*. Tese de doutorado, Universidade de São Paulo.
- HUGH-JONES, Stephen. 2002. “Nomes secretos e riqueza visível: Nominação no noroeste amazônico”. *Mana*, 8(2):45-68.
- KOCH-GRÜNBERG, Theodor. 2010. *Petróglifos Sul-americanos [1907. Südamerikanische Felszeichnungen]*. Org. Edithe Pereira. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi; São Paulo: Instituto Socioambiental.
- SALVAGUARDA do Patrimônio Cultural Imaterial do Noroeste Amazônico: Cartografia dos Sítios Sagrados: iniciativa binacional Brasil-Colômbia. 2014. Vários autores (org.). São Paulo: Instituto Socioambiental; Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional; Bogotá: Ministério de Cultura da Colombia. Disponível em: <http://issuu.com/instituto-socioambiental/docs/informe_binacional_cartografia_web>. Acesso em: 14 fev. 2015.
- WRIGHT, Robin. 2005. *História Indígena e do Indigenismo no Alto Rio Negro*. Campinas: Mercado das Letras.
- _____. 2013. *Mysteries of the Jaguar Shamans of the Northwest Amazon*. Lincoln: University of Nebraska Press.



Primeira expedição

01. Encontro das Águas do rio Negro com o rio Solimões, ponto de partida da expedição anaconda. Conhecedores conversam sobre os eventos que ocorreram aí no tempo em que os seus primeiros ancestrais seguiram pelo rio Negro à bordo da “canoa de transformação”. Aline Scolfaro: Expedição anaconda, 2013

02. Cacuri, armadilha tradicional de pesca utilizada pelos povos indígenas do rio Negro. Sítio Temendawi, médio Rio Negro. Stephen Hugh-Jones: Expedição anaconda, 2013

03. Conhecedores tuyuka, Antonio Lima e Higino Tenório, narram os eventos ocorridos no sítio Temendawi no tempo de seus primeiros ancestrais. Stephen Hugh-Jones: Expedição anaconda, 2013

04. Roda de conversas, narrações e filmagens no sítio Temendawi, médio rio Negro. Como muitos outros pontos ao longo do trajeto da cobra-canoa, este local é considerado casa de wai mahsã (gente-peixe), seres que já habitavam estas terras no tempo em que a cobra-canoa passou carregando os primeiros ancestrais. Desde então os humanos devem cuidar para não despertar a ira destes seres, que atacam as pessoas quando estas não estão devidamente protegidas ou descumprem certas regras de comportamento. Vincent Carelli: Expedição anaconda, 2013





05. Buracos nas pedras em Tapuruquara. Segundo os conhecedores, estes buracos são os “potes de febre” dos seres hostis que queriam impedir o surgimento da humanidade. Dizem que o local é ainda hoje fonte de enfermidades, por isso deve ser manejado com cuidado. Vincent Carelli: Expedição anaconda, 2013

06. Roda de conversas, narrações e filmagens em ilha de pedra de Tapuruquara, médio rio Negro, um dos lugares sagrados visitados pela expedição. Neste local os Pamuri Mahsã, “gente da transformação”, tiveram que enfrentar seres inimigos que queriam impedir o surgimento da humanidade. Segundo os conhecedores tukano, foi aí que surgiram os benzimentos contra alguns parasitas do corpo humano, como a cárie e o bicho de pé. Vincent Carelli: Expedição anaconda, 2013

07. Aline Scolfaro: Expedição anaconda, 2013





08. Formação rochosa no baixo rio Negro, chamada pelos conhecedores de “casa do beiju”, local relacionado à história do demiurgo Basebó, dono dos alimentos e plantas cultivadas. Aline Scolfaro: Expedição anaconda, 2013

09. Petróglifos da Ponta São João, ou “casa do bicho preguiça”, um dos lugares sagrados visitados pela expedição, baixo rio Negro. Stephen Hugh-Jones: Expedição anaconda, 2013

10. Foz do rio Curicuriari, médio rio Negro, com a serra conhecida localmente como Bela Adormecida ou Wariró. O local é considerado sagrado pelos grupos tukano e também pelos Baré, tradicionais moradores desta região do rio Negro. Stephen Hugh-Jones: Expedição anaconda, 2013





11. Cinegrafista tuyuka do alto rio Tiquié, Adelson Meira, em filmagens na foz do rio Cuieiras, baixo rio Negro, um dos lugares sagrados visitados pela expedição. Aline Scolfaro: Expedição anaconda, 2013
12. Sítio com petróglifos no baixo rio Negro, um dos lugares sagrados visitados pela expedição. Vincent Carelli: Expedição anaconda, 2013
13. Cinegrafista tariano de Iauaretê, João Arimar, captando imagens dos petróglifos no baixo rio Negro. Vincent Carelli: Expedição anaconda, 2013
14. Visita aos pedrais da Ponta São João, próximo à Velho Airão, sítio repleto de petróglifos. Segundo os conhecedores tukano, as gravuras nas pedras são marcas da passagem de seus primeiros ancestrais pelo local, chamado nas línguas tukano de “casa do bicho preguiça”. Stephen Hugh-Jones: Expedição anaconda, 2013





Segunda expedição

15. Conhecedores das etnias Bará e Barasana conversam sobre a história e significado das formações rochosas em sítio sagrado próximo à comunidade São Pedro, baixo rio Uaupés. Aline Scolfaro: Expedição cobra-canoa, 2015

16. Conhecedores narram as histórias de Dahseá Piño, a cobra-tukano, personagem importante das narrativas de origem dos povos do rio Negro. O local fica próximo à comunidade São Pedro, baixo rio Uaupés. Aline Scolfaro: Expedição cobra-canoa, 2015

17. Visita à “casa do sol”, próximo à comunidade Matapi, baixo rio Uaupés, conjunto de rochas relacionadas às flautas de Jurupari. Aline Scolfaro: Expedição cobra-canoa, 2015





18. Laje de pedra localizada próxima à comunidade Uriri, baixo rio Uaupés, com as marcas da passagem da “canoa de transformação”. Aline Scolfaro: Expedição cobra-canoa, 2015

19. Arlindo Maia, da etnia Tukano, apontando a serra Dahsé Pinõ, morada da cobra-tukano. Aline Scolfaro: Expedição cobra-canoa, 2015

20. Visita à “casa do sol”, próximo à comunidade Matapi, baixo rio Uaupés, conjunto de rochas relacionadas às flautas de Jurupari. Aline Scolfaro: Expedição cobra-canoa, 2015





21. Conhecedores observam ponto onde se localiza o buraco de surgimento de seus primeiros ancestrais, que só aparece nos períodos em que o rio está bem seco, normalmente entre os meses de setembro e outubro e fins de janeiro, fevereiro e março. Aline Scolfaro: Expedição anaconda, 2013

22. Filmagens e narrações na cachoeira de Ipanoré, um dos mais importantes sítios sagrados da “rota de transformação” dos povos tukano. Com a cheia repentina e fora de época do rio Uaupés, não foi possível visualizar o buraco de surgimento dos primeiros ancestrais e nem os petróglifos nas pedras da cachoeira. Aline Scolfaro: Expedição anaconda, 2013

23. Laje de pedra no porto da comunidade Trovão, baixo rio Uaupés, com sinais da passagem da cobra-canoa e de eventos relacionados à Buhpó (Trovão), uma das manifestações do ser criador. Aline Scolfaro: Expedição anaconda, 2013





24. Bayas (dançarinos/cantores) tuyuka adornados para a cerimônia de kapiwaya. Comunidade Ipanoré, baixo Uaupés. Aline Scolfaro: Expedição anaconda, 2013

25. Mulheres se pintando para a cerimônia de kapiwaya no último dia da expedição. Comunidade Ipanoré, baixo Uaupés. Aline Scolfaro: Expedição anaconda, 2013

26. Pajé (Yai) barasana do Pirá-Paraná responsável pelos benzimentos de proteção durante cerimônia de kapiwaya na comunidade Ipanoré, baixo Uaupés. Aline Scolfaro: Expedição anaconda, 2013

27. Levando as folhas de coca para torrar. Comunidade Matapi, baixo Uaupés.





Expedição Tuyuka

28. Petróglifos em Itapinima, entre as comunidades Trovão e Cunuri, baixo rio Uaupés. Foto tirada em 2008 durante a viagem dos Tuyuka. O local também estava submerso na passagem da expedição cobra-canoa no início de 2015. Aloísio Cabalzar/ISA

29. Jovens tuyuka reproduzindo os desenhos na laje de pedra de Itapinima, baixo rio Uaupés. 2008. Aloísio Cabalzar/ISA

30. Buraco de origem da humanidade na cachoeira de Ipanoré. Foto tirada em 2008, com o rio seco, quando os Tuyuka fizeram esse trajeto para identificar seus lugares sagrados pelo baixo rio Uaupés. Aloísio Cabalzar/ISA

31. Petróglifos nas pedras da cachoeira de Ipanoré, baixo rio Uaupés. Viagem dos Tuyuka para identificação de lugares sagrados, 2008. Aloísio Cabalzar/ISA

